

# O sonho da comunidade: uma análise do musical cinematográfico *Brigadoon* a partir das teorias da modernidade

Patricia Coralis

E assim escondo-me atrás da porta, para que a realidade, quando entra, me não veja. Escondo-me debaixo da mesa donde, subitamente, prego sustos à Possibilidade. De modo que me desligo de mim como dos dois braços de um complexo, os dois grandes tédios que me apertam – o tédio de poder viver só o Real e o tédio de poder conceber só o Possível.  
(Fernando Pessoa)

Definitivo, como tudo o que é simples,  
nossa dor não advém das coisas vividas,  
mas das coisas que foram sonhadas  
e não se cumpriram.  
(Carlos Drummond de Andrade)

Escrito por Alan Jay Lerner e Frederick Loewe, *Brigadoon* estreou na Broadway em 1947 e tornou-se um musical de grande popularidade nos Estados Unidos do pós-guerra, executando 581 apresentações. Mais tarde, em 1954, a Metro-Goldwyn-Mayer produziria a versão filmada do musical, com Gene Kelly, Van Johnson e Cyd Charisse nos papéis principais, sob a direção de Vincente Minnelli. Lançado em DVD em 2005, no Brasil o filme receberia o inexpressivo título *A lenda dos beijos perdidos*.

*Brigadoon* expressa muitos dos anseios e incertezas que dominavam um país recém-saído da guerra e envolvido em mudanças profundas: a nostalgia, o medo do futuro, a busca pela segurança e por relações duradouras. A retomada da história alguns anos depois – bem como sua popularização pela via do cinema – sugere

não apenas que os temas continuaram atuais, mas talvez ainda mais adequados se aplicados ao contexto dos rápidos avanços tecnológicos e mudanças sociais. Vista hoje, a história do vilarejo encantado que desaparece na neblina para ressurgir por um único dia a cada 100 anos visando resguardar seus habitantes das adversidades da modernidade incita à análise. Considerando a recorrência do tema no cinema (ainda que de formas diferenciadas)<sup>1</sup> e o grande alcance desse veículo, torna-se pertinente a interpretação das ideias de modernidade construídas e divulgadas por seu intermédio.

A proposta deste texto é analisar a versão cinematográfica do musical *Brigadoon* à luz das ideias de Georg Simmel e Zygmunt Bauman no que concerne à modernidade, considerando que as imagens e histórias difundidas pelo cinema são referenciais e influências para a construção da percepção da realidade. Parte-se da ideia de que, sendo criadas dentro de um contexto sócio-cultural específico que as determina, as produções da Indústria Cultural podem ser entendidas como *mitos contemporâneos* capazes de expressar as tensões, ambiguidades e valores das sociedades que os produzem, como assinala Eco (1979)<sup>2</sup>. Para tanto, o trabalho está dividido em três partes. A primeira expõe em linhas gerais as ideias dos dois autores selecionados acerca da modernidade e da experiência subjetiva do indivíduo moderno; a segunda constituirá a análise do filme em questão, buscando estabelecer alguns paralelos entre as ideias dos autores e a história. A conclusão buscará tecer algumas considerações sobre a mensagem do filme para o espectador moderno, considerando que as produções podem, muitas vezes, operar como metáforas que ilustram a Teoria Social.

### **A Teoria Social e a modernidade: visões de Georg Simmel e Zygmunt Bauman**

Em *A metrópole e a vida mental*, Simmel (1967) busca compreender como a personalidade de um indivíduo se ajusta às forças externas dentro do contexto da urbanização crescente, do incremento das relações sociais e do desenvolvimento da economia. A metrópole moderna é concebida como espaço complexo e heterogêneo devido à convivência de múltiplos grupos com práticas sociais e códigos próprios. A *urbanidade* é a configuração da *sociedade complexa*, cujas características principais consistem em estruturação com base na economia de mercado, rompimento dos laços tradicionais, racionalidade, intelectualismo e assimilação do individualismo. A metrópole exigiria do indivíduo um nível mais alto de consciência e de domínio do intelecto do que a pequena cidade ou o campo, devido ao intenso estímulo que o estilo de vida metropolitano exerce sobre o psicológico. Esse excesso de estímulos configuraria nos indivíduos uma mentalidade específica:

a atitude *blasé*, que o autor define como um mecanismo de defesa, um fenômeno psíquico capaz de “filtrar” os estímulos do ambiente de forma a fazer com que os indivíduos reajam apenas àqueles considerados mais relevantes. Desse modo, o intelecto torna-se o mediador entre o indivíduo e a sociedade, conduzindo a um isolamento: incapaz de responder à intensidade de estímulos da metrópole, o indivíduo desenvolveria mecanismos de distanciamento que resguardam sua sanidade e seu equilíbrio. Não há, assim, um envolvimento emocional com os estímulos, o que levaria a uma crescente racionalização da vida na cidade e ao desenvolvimento de uma postura extremamente individualista.

A tensão entre a individualidade e a homogeneização é patente nas ideias do autor. Existiria uma contradição inevitável entre os indivíduos que lutam para se afirmar individualmente e a vida típica da grande cidade, tendendo à despersonalização e à homogeneização. Diante da complexidade da vida social moderna, o indivíduo necessitaria fixar um ponto de referência, que não poderia ser encontrado em nenhum outro lugar externo a ele; o sentido da vida é encontrado na singularidade, construída pela vivência peculiar de cada um. O autor aponta, ainda, a coexistência das noções de *igualdade* e *diferenciação* na cultura moderna, como duas grandes forças em conflito: o anseio pela personalidade autônoma e livre – tendência igualitária – e, simultaneamente, pela diferenciação, ideias que justificariam, respectivamente, a livre competição e a divisão do trabalho (Simmel, 1971). A modernidade seria assim caracterizada por ambivalências como “ser igual aos outros” x “ser diferente”, “liberdade” x “opressão”, tensões também assinaladas por Bauman (2001, 2003, 2004) em seus estudos sobre a modernidade, as relações sociais e as comunidades.

Para Bauman (2001), a modernidade seria dividida em dois períodos: “sólida”, representada pelo ordenamento racional e técnico e pelo controle facultado pelos Estados-nação e pela ciência, e “líquida”, representando uma espécie de descontrole do mundo; o autor utiliza a metáfora da *fluidéz* para designar a presente fase da modernidade. Os tempos modernos teriam encontrado nos velhos “sólidos” (os direitos, lealdades e obrigações tradicionais) um obstáculo para seu desenvolvimento. O “derretimento” destas instituições teria permitido que a economia e a racionalidade passassem a exercer papel determinante na vida social, o que teria contribuído para o enfraquecimento das redes de relações; a impessoalidade necessária ao funcionamento da nova ordem impediria o estabelecimento de laços duradouros<sup>3</sup>. A fragilidade dos laços parece necessária (e inevitável) a um contexto de fluidez e de predomínio da racionalidade, onde existe uma competição constante e uma hostilidade natural ao outro, sempre visto como um potencial inimigo.

Nesse quadro de competição e individualismo, o autor mostra que o *relacionamento puro* tende a ser hoje a forma predominante de convívio humano. Trata-se de

relações que se estabelecem a partir de vantagens possíveis podendo ser rompidas a qualquer momento, caso se tornem infrutíferas<sup>4</sup>. Essa “fluidez” marcaria todos os tipos de vínculos sociais, configurando um mundo que parece inseguro e transitório. Como exemplo, o autor cita o desaparecimento da demanda por determinados trabalhos e a vida fragmentada, fatores que dão a impressão de que não há mais nenhum ponto de apoio confiável para os indivíduos; a experiência individual parece apontar que o eixo mais duradouro é o próprio “eu”.

A modernidade seria, assim, marcada pela transitoriedade e fragilidade de vínculos, e nesse contexto de insegurança o homem experimentaria os desejos conflitantes de estreitar as relações e, ao mesmo tempo, mantê-las frouxas; pertencer e, ao mesmo tempo, ser livre – o que caracteriza o indivíduo moderno como um ser permanentemente em busca de um equilíbrio, possibilidade que o contexto da modernidade parece negar-lhe. Essa busca por estabilidade e segurança diante do que parece ser o “caos” moderno levaria os indivíduos a experimentar novas formas de agrupamento em busca de um antigo sentido de “comunidade” – enquanto o *locus* da confiança, da personalidade, da segurança.

Bauman (2003) aborda a questão do entendimento da *comunidade* como um refúgio contra o mundo contemporâneo, alegando que a própria noção de comunidade traz implícito o paradoxo da impossibilidade de conciliar a segurança proporcionada ao indivíduo com a liberdade almejada. Partindo desse argumento, o autor desconstrói a noção idealizada de comunidade, mostrando que aquilo que poderia ser considerada a sua defesa mais extraordinária – a distância – teria sido superada pelos meios de comunicação, tornando impossível o estabelecimento e a manutenção das fronteiras, bem como a contenção das relações entre os “de dentro” e os “de fora”. A utópica “mesmidade” de uma comunidade estaria assim ameaçada por não conseguir evitar o contato com o mundo exterior, gerando a necessidade de construir artificialmente uma unidade. Para ser mantida, essa comunidade necessitaria ser vigiada e defendida, tornando-se uma “fortaleza sitiada”. Assim o autor chega à questão que permeia todo o seu estudo: o paradoxo de que, para que a comunidade possa existir com segurança, os indivíduos necessitem abrir mão da sua liberdade – que, por sua vez, só poderia ser ampliada à custa da segurança.

A comunidade de entendimento comum, mesmo se alcançada, permanecerá portanto frágil e vulnerável, precisando para sempre de vigilância, reforço e defesa. Pessoas que sonham com a comunidade na esperança de encontrar a segurança de longo prazo que tanta falta lhes faz em suas atividades cotidianas, e de libertar-se da enfadonha tarefa de escolhas sempre novas e arriscadas, serão desapontadas. A paz de espírito, se a alcançarem, será do tipo “até segunda ordem”. Mais do que com uma ilha de “entendimento

natural” ou um “círculo aconchegante” onde se pode depor as armas e parar de lutar, a comunidade realmente existente se parece com uma fortaleza sitiada, continuamente bombardeada por inimigos (muitas vezes invisíveis) de fora e frequentemente assolada pela discórdia interna; trincheiras e baluartes são os lugares onde os que procuram o aconchego, a simplicidade e a tranquilidade comunitárias terão que passar a maior parte de seu tempo (Bauman, 2003: 19).

Bauman retoma várias das ideias de Simmel para formular seu conceito de modernidade, como a mobilidade, a instabilidade e a aceleração do ritmo de vida, que comporiam a chamada “modernidade líquida”, surgida nas últimas décadas do século XX. O que para Bauman são as características fundamentais que definem um determinado tempo moderno, para Simmel são ambiguidades que fazem parte de *toda* a modernidade. “Líquido” e “sólido” são coexistentes, não sendo, assim, características de dois períodos distintos de modernidade, como aponta Bauman. No entanto, ao privilegiar o Estado-nação e a ciência como elementos de destaque na constituição da modernidade – que proporcionariam o controle do mundo pelo ordenamento racional e técnico, eliminando as ambivalências das sociedades –, Bauman considera instituições sociais e políticas que recebem pouco destaque nas análises simmelianas. Simmel e Bauman apresentam, assim, versões complementares acerca da noção de modernidade.

As ideias mencionadas complementam-se na constituição de um quadro específico da modernidade, marcada pelo ápice da industrialização e do sistema capitalista e percebida como um período desorientador, pelo qual indivíduos encapsulados transitam. Diante de um mundo fluido e inseguro, a busca por estabilidade e segurança reflete-se na tendência do indivíduo a refugiar-se em comunidades, aqui entendidas como grupos que, de uma forma ou de outra, prometem proteção e tranquilidade, ainda que esse objetivo mostre-se incompatível com a realidade. As produções da Indústria Cultural, em sua capacidade de revelar as sociedades contemporâneas, muitas vezes relacionam-se estreitamente com a Teoria Social e servem como caminho para a compreensão da realidade. É essa relação que se objetiva estabelecer em seguida, a partir da análise do filme *Brigadoon*.

### ***Brigadoon: a comunidade de segurança?***

*Brigadoon* se passa no ano de 1954 e conta a história de Tommy Albright e Jeff Douglas, dois nova-iorquinos em férias na Escócia que, perdidos em uma floresta, encontram por acaso um pequeno vilarejo que não consta no mapa que trazem consigo. Buscando abrigo e comida, os dois chegam à pequena Brigadoon e são

recebidos com espanto pelos nativos, desacostumados a ver forasteiros no local. Apenas a jovem Fiona, por curiosidade, se aproxima e indica-lhes o caminho da praça principal, onde poderiam encontrar comida à venda. Tommy e Fiona apaixonam-se à primeira vista. A cidade prepara-se para uma festa de casamento, e a praça está em polvorosa. O noivo, em clima festivo, recebe os forasteiros e os convida a ficar e participar do casamento à noite.

No decorrer do dia, uma série de eventos leva Tommy a procurar respostas para suas muitas questões sobre o lugar. Entre outras coisas ele nota que, na Bíblia da família de Fiona, a data do casamento que aconteceria naquela noite consta como 24 de maio de 1754. Confuso, procura a moça e lhe pede explicações. Ela os leva até o “mestre” local, que lhes conta a história do “milagre”: há 200 anos, temendo a má influência do mundo exterior, o pastor local pedira um milagre a Deus: que a cidade e seu povo desaparecessem na neblina e ressurgissem a cada 100 anos, apenas por um dia – dessa forma, não viveriam em século algum tempo suficiente para sofrerem mudanças. Contudo, haveria condições: nenhum habitante nativo poderia deixar o local, sob pena de romper o encanto – o que acarretaria o desaparecimento definitivo da cidade. Um estrangeiro só estaria autorizado a ficar caso se apaixonasse por um nativo, a ponto de desistir de tudo pela pessoa amada.

Apaixonado por Fiona, Tommy decide ficar e comunica sua decisão a Jeff que, indignado, convence-o a voltar com ele para Nova York. Os dois deixam a cidade, que desaparece na neblina. De volta à agitação de Nova York, ambos percebem-se atordoados: Jeff, alcoólatra, entrega-se ainda mais à bebida; Tommy passa a viver imerso nas lembranças de Brigadoon e Fiona, não conseguindo mais participar de suas atividades cotidianas. Decide romper definitivamente com sua noiva em Nova York e retornar com Jeff para a Escócia, apenas para deparar-se com o lugar onde antes ficava a cidade, agora vazio.

Em meio ao seu lamento, a cidade aos poucos reaparece. Tommy é recebido pelo mestre, que lhe explica que até milagres são possíveis diante de um amor verdadeiro. Jeff, perplexo, não se move; Tommy retorna para a cidade e reencontra Fiona, quase ao mesmo tempo em que tudo começa a desaparecer novamente na neblina.

Brigadoon é a corporificação do ideal de comunidade descrito por Bauman (2003) – um refúgio do mundo exterior, lugar guiado pelas tradições e marcado pela personalidade, a vida comunal, a paz e a *mesmidade*. A ideia da cidade como refúgio, paraíso perdido que todos desejam encontrar, é reiterada muitas vezes no decorrer da narrativa. Ao explicar o “milagre” da cidade a Tommy e Jeff, o mestre local conta que, quando vai dormir, tem a sensação de estar ouvindo o mundo exterior: vozes cheias de desejos temerosos que parecem chamá-lo de volta. E conclui: “deve haver muita gente no mundo lá fora procurando por uma Brigadoon...”. A letra da música que acompanha o surgimento da cidade pela manhã também é bastante sugestiva:

“Brigadoon, Brigadoon./ Blooming under sable skies/ Brigadoon, Brigadoon/ There my heart forever lies/ Let the world grow cold around us/ Let the heavens cry above/ Brigadoon, Brigadoon/ In thy valley there’ll be love”<sup>5</sup>.

A constituição de Brigadoon como refúgio seguro, no entanto, escapa a algumas críticas de Bauman pelo viés da fantasia: o encantamento permite que a comunidade resguarde-se da influência externa e, pelo aprisionamento do tempo, permaneça imutável e inatingível. A chegada dos dois estrangeiros prova que Brigadoon não está totalmente livre do mundo exterior; contudo, é impossível permanecer no lugar sem aderir totalmente a ele, aceitando suas normas e – condição primordial – ter a fé necessária para não questionar sua existência e o milagre. A capacidade de “acreditar”, aqui, está diretamente ligada à “pureza de coração”, ao espírito não corrompido pela modernidade. Tommy e Jeff são interiormente opostos: Jeff é um cético, individualista, mal-humorado e irônico. Resignado em viver em meio ao “caos” moderno, não deseja estabelecer vínculos e recorre à bebida para aliviar temporariamente suas tensões. Tommy está em busca de paz interior e amor verdadeiro. Sonhador e romântico sofre por ainda não ter encontrado o “seu lugar” no mundo, apesar de ter uma carreira de sucesso e uma boa condição social. É a sua capacidade de “acreditar” e “aceitar de coração aberto” aquilo que não pode entender que lhe permite ficar em Brigadoon. Mais do que isso: ao final, a força de sua fé faz a cidade reaparecer, apenas para lhe permitir entrar.

Os nativos de Brigadoon estão inevitavelmente engendrados no paradoxo liberdade-segurança descrito por Bauman (2003): a manutenção das fronteiras da comunidade é feita por intermédio do encanto e da vigilância mútua, impedindo que alguém cruze seus limites. O fato de ninguém poder deixar a cidade, sob pena de fazê-la desaparecer definitivamente, representa a dependência que inevitavelmente existe entre os membros de uma comunidade, e a necessidade de negar os projetos individuais pelo bem do coletivo. A segurança de viver no vilarejo tem um preço: a liberdade individual.

Assim, ainda que a maioria dos nativos considere a peculiaridade da cidade uma bênção, sob outro ângulo Brigadoon pode ser vista como uma prisão, pois, para existir, precisa que todos os seus “filhos” permaneçam nela eternamente e aceitem o tipo de vida que o encantamento lhes impõe. É Harry Beaton, jovem apaixonado pela noiva que naquela noite se casaria com outro, que vive a perspectiva de Brigadoon como uma maldição: não se conforma com o fato de não poder deixar a cidade e assim estar condenado ao sofrimento eterno de ficar e ver sua amada casada com outro. Ao sentir-se incomodamente privado de sua liberdade, Harry representa o lado opressor da vida na comunidade. Revoltado, ameaça pôr fim ao “milagre” e tenta deixar o lugar, mas é impedido pelos homens da cidade, que saem em seu encalço – e pelo forasteiro Tommy, que se apavora com a possibilidade de tudo desaparecer

definitivamente. Harry refugia-se no alto de uma árvore e Jeff, bêbado, tenta caçar um pássaro e atira nele por acidente. Os nativos, por não conhecerem armas de fogo, acreditam que o jovem tenha caído, batido a cabeça em uma pedra e morrido com o choque. Decidem esconder seu corpo até o dia seguinte para não estragar a festa do casamento – e é possível notar que a morte do rapaz não causa comoção. Apenas seu pai chora por ele, mas lamentando a sua ingratidão por não aceitar o milagre. Harry foi, na verdade, sacrificado em prol da comunidade: um sacrifício necessário à manutenção da ordem e da coesão.

A ordem na cidade não é mantida sem vigilância constante e sacrifícios. Antes de Harry, o primeiro a ser sacrificado – ainda que por vontade própria – teria sido o pastor local, que teria pedido a Deus o milagre. O mestre de Brigadoon nos conta que o pastor acreditava que, para que o milagre fosse concedido, algum sacrifício teria de ser feito, e ele queria fazê-lo. O maior, para ele, seria separar-se daqueles que sempre amou. Assim, ele teria feito o pedido fora dos limites da cidade e, quando esta desapareceu, se foi sem ele. Dessa forma, o pastor foi obrigado a terminar seus dias no mundo normal – o que foi considerado como o maior sacrifício de todos. No momento em que o mestre nos conta a história, somos informados de que a cidade está vivendo “o segundo dia da bênção” – logo, 200 anos se passaram desde a concessão do milagre e, vivendo em um mundo com a contagem de tempo normal, o pastor já estaria obviamente morto. Este teria sido o primeiro sacrifício (embora voluntário) pela manutenção da comunidade.

Harry deseja deixar a cidade por motivos particulares e, ao negar o milagre e ameaçar a existência da comunidade, age como um individualista, incapaz de pensar no bem comum – e a individualidade é incompatível com a comunidade. Fica evidente que quem vive em Brigadoon não tem liberdade de escolha – e aqui a doce e amorosa comunidade mostra seu lado controlador. Em um movimento contrário, Tommy, outro personagem insatisfeito com seu meio, sacrifica a sua liberdade no mundo exterior pela vida controlada na comunidade, onde ele finalmente pensa ter encontrado a paz; assim, seu desejo de abandonar a grande cidade demonstra a pureza de seu coração. Tendo encontrado seu lugar em Brigadoon, ele se mostra um homem “de fé” e apaixonado – sentimentos valorizados pela comunidade, que o recebe de braços abertos. Abrir mão da “bênção” de viver no vilarejo encantado parece uma “ingratidão” e uma mesquinhez individualista, e a tentativa de fazê-lo soa como um desvio de caráter, significando o sacrifício do grupo e de uma vida de paz eterna em troca da vida em um mundo corrompido pela modernidade.

A aventura na cidade, devido à sua peculiaridade, torna-se difícil de ser assimilada sem fé. A dificuldade de Jeff em aceitar Brigadoon reside em seu ceticismo – como coloca no início da história, ele só consegue acreditar naquilo que entende,



no que lhe parece real, e o que não entende é simplesmente ignorado – mas como ignorar a experiência fantástica na cidade e o fato de ter assassinado uma pessoa? Pela primeira vez, Jeff se vê enredado em algo que foge à sua compreensão, o que o desestabiliza. Quando Tommy o procura, dizendo que pretende ficar na cidade com Fiona, o amigo, nervoso, o convence a voltar para a metrópole, colocando-lhe a possibilidade de que talvez aquela cidade nem mesmo exista de verdade.

Nesse momento, em que a fé de Tommy vacila, ele decide voltar para Nova York, para logo se arrepender. O vilarejo desaparece silenciosamente na neblina, e a cena seguinte é uma opressiva tomada da metrópole à noite, escura e agressiva aos sentidos, com suas muitas luzes, altos prédios e música dramática aliada aos sons ensurdecedores do tráfego. A experiência na grande cidade retratada logo depois da experiência no vilarejo torna ainda mais nítido o retrato da metrópole descrita por Simmel (1967), caracterizada pela fragmentação e diversidade de estímulos. Encontramos um atordoado Jeff, fumando quatro cigarros simultaneamente e bebendo em um movimentado e enfumaçado bar-restaurant. A experiência da fragmentação está retratada em seu trânsito pelo local: em meio ao barulho atordoante, pessoas conversam sobre temas variados, e nos é possível ouvir com Jeff trechos das conversas<sup>6</sup> que se destacam e se fundem novamente ao barulho à medida que ele se movimenta. Tommy chega ao local e confessa ao amigo que romperá seu noivado definitivamente, pois não consegue esquecer Fiona e a experiência em Brigadoon – o que nos é mostrado quando Jane, sua noiva, conversa com ele sobre detalhes do casamento e ele apenas consegue ouvir os sons de Brigadoon e a voz de Fiona. Perturbado, rompe o noivado e retorna à Escócia, onde vê a cidade reaparecer diante de seus olhos pela força da sua fé e do seu desejo, apenas para permitir a sua entrada.

### **Considerações finais**

Considerando a tendência do diretor Vincente Minnelli em retratar em suas obras a crueza da realidade e sua relação com a fantasia (*The men who made the movies*, 2005), é possível compreender *Brigadoon* como uma história de desejo e sonho, cujo final aparentemente feliz é ambíguo. Ao mesmo tempo em que conta a história de Tommy, o “homem de fé” insatisfeito com a modernidade que realiza o sonho de encontrar o “seu lugar” em uma comunidade idealizada, conta também a história de Jeff, o homem metropolitano resignado à vida na cidade e resistente a vínculos, cuja personalidade *blasé* e ceticismo não permitem a entrega total que seu amigo realiza. Contando duas histórias distintas, o filme abre duas possibilidades de entendimento; na primeira, vemos a realização do sonho de Tommy; na segunda, a negação do sonho a Jeff, a quem a permanência na comunidade é

vetada. Realidade e ilusão são cruelmente contrapostas em um final supostamente feliz para o romance.

O vilarejo é a metáfora para a nostalgia da comunidade de que fala Bauman (2003): o sonho de encontrar refúgio diante da vida solitária e incerta nas sociedades complexas. Mais do que “estar em comunidade”, trata-se de uma idealização do passado, o desejo de negar a modernidade e tudo que advém dela. Contudo, *Brigadoon* nos mostra, por dois vieses, o caráter utópico da comunidade ideal: dentro da ficção, pelo insucesso do insatisfeito Harry em deixar a comunidade e recuperar sua liberdade; tocando na realidade do espectador, pela própria representação da cidade encantada que, fazendo uso de uma espécie de licença poética, sutilmente atenta para o fato de que a comunidade (quase) ideal só é possível pela via da fantasia. Apenas uma mágica ou um “milagre” poderia manter o vilarejo incólume e “protegido” do mundo exterior, além de garantir a vida eterna de seus habitantes – ainda que a estes só seja permitido viver um dia por século.

Opondo diretamente o vilarejo de sonho à grande metrópole, Minnelli mostra o lado sombrio da vida nas sociedades complexas e ressalta o fato de que não há saída: se *Brigadoon* é uma fantasia, na verdade o homem moderno não tem escapatória, a não ser adequar-se à sua realidade inevitável. Abandonar a modernidade e entregar-se ao sonho, como fez Tommy, não é uma saída possível na realidade – o homem comum identifica-se com Jeff, que reluta em acreditar naquilo que escapa ao seu entendimento e pensa estar diante de uma ilusão. A opção do homem moderno, *blasé* e adequado à metrópole é regressar à sua vida opressiva e vazia – e, no caso de Jeff, ao álcool. Visto com atenção, o alegre e colorido musical parece seguir a linha sombria dos diagnósticos da modernidade, traçados pela teoria social. O vilarejo é uma ilusão, e o que o filme nos mostra é a impossibilidade de sair da realidade da modernidade – a não ser através da fantasia, que parece, ironicamente, ser o único refúgio verdadeiro do homem moderno.

*Patricia Coralís*

Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).  
pcoralis@puc-rio.br

Recebido em agosto de 2013.

Aceito em novembro de 2013.

## **Notas**

1. Ao longo dos anos uma série de filmes abordou a questão dos temores modernos e do desejo de refúgio nas pequenas comunidades, ainda que de formas diferenciadas. Como exemplo da recorrência do tema ao longo dos anos, pode-se citar *Aurora* (*Sunrise*, 1927), que expunha claramente uma série de distinções

entre a vida e as características da “cidade pequena” e a “cidade grande” e *Dogville* (2003) que, de maneira distinta, retomou o tema 76 anos depois. Para uma análise mais detalhada das representações da ideia de cidade envolvendo os dois filmes, ver Coralís (2005).

2. O autor utiliza como ponto de partida o conceito de *mitificação*, que define como *simbolização incôscia, identificação do objeto com uma soma de finalidades nem sempre racionalizáveis, projeção na imagem de tendências, aspirações e temores particularmente emergentes num indivíduo, numa comunidade, em toda uma época histórica* (1979: 239).

3. O autor menciona dois tempos de constituição da modernidade: no primeiro, a “fase líquida” da modernidade seria transitória, um período de constituição de “novos sólidos” que substituiriam os antigos, já inadequados à nova realidade. No segundo, supõe um momento em que a constituição de “sólidos” não seria mais algo desejável, e o “líquido” tenderia a se tornar a nova realidade.

4. É importante mencionar que se considera aqui a noção de *relacionamento puro* definida por Bauman como uma reivindicação irônica do retorno à solidez dos laços por parte do autor, uma crítica dialógica à versão do conceito elaborada por Giddens (1993) – para o qual o *relacionamento puro* seria uma nova forma de estruturar a intimidade, livre de exigências formais como o casamento, por exemplo. As leis não deixariam de existir, mas seriam mais flexíveis e dariam maior liberdade ao indivíduo no contexto da modernidade, Já as ideias de Bauman indicam uma fuga a essa instabilidade, baseando-se na crítica do que ele entende como uma ausência total de leis e de vínculos.

5. “Brigadoon, Brigadoon/ Bela sob um céu escuro/ Brigadoon, Brigadoon/ Onde deixei meu coração para sempre/ Que o mundo frio cresça ao nosso redor/ Que os céus gritem acima de nós!/ Brigadoon, Brigadoon/ Em teu vale sempre haverá amor” (tradução do DVD).

6. É interessante notar os temas das conversas que se desenrolam no bar, mostradas aqui como “típicas” da vida na modernidade: fala-se de divórcios, pensões alimentícias, analistas, terapias, negócios e falcatruas empresariais – problemas e possibilidades da “vida fluida” moderna de que fala Bauman (2001).

### **Referências bibliográficas**

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Nacional, 1975. p. 287-295.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política*. (Obras Escolhidas) 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. p. 165-196.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

- CORALIS, Patricia. “Trago a vida aqui na voz”: um estudo de caso sobre idolatria, mitificação e consumo de biografias. Tese de Doutorado (Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS), 2008, 197 p.
- \_\_\_\_\_. ‘Comunidade’ x ‘Sociedade’: O paradoxo expresso nos filmes *Aurora* e *Dogville*. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: PPCIS-UERJ, v.2, n. 7, dezembro de 2005, p. 187-198.
- \_\_\_\_\_. *Na cidade com Madonna: o urbano imaginado na obra de um ídolo*. Monografia (Curso de Pós-Graduação *lato sensu* Sociologia Urbana). Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2002, 86 p.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades*. São Paulo: UNESP, 1993.
- HAY, Peter. *MGM: When the lion roars*. Atlanta: Turner Publishing, Inc., 1991.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia*. Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano, 2000.
- MACDONALD, Dwight. Uma teoria da cultura de massa. In: ROSEMBERG, Bernard e WHITE, David (Orgs.). *Cultura de massa: as artes populares nos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973. p. 77-93.
- ROCHA, Everardo. *A sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo*. Rio de Janeiro: Mauad Ed., 1995.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- \_\_\_\_\_. Freedom and the individual. In: LEVINE, Donald (Org.). *On individuality and social forms*. Chicago: University of Chicago Press, 1971.

### **Referências cinematográficas**

- Os homens que fizeram o cinema*: Vincente Minnelli, *The men who made the movies: Vincente Minnelli*. Richard Schickel. EUA: WNET/NY, 2005. Inglês, cor, 60'. Documentário.
- A lenda dos beijos perdidos, Brigadoon*. Vincente Minnelli. EUA: MGM, 1954. Inglês, cor, 108'. Elenco: Gene Kelly, Van Johnson, Cyd Charisse, Elaine Stewart, Barry Jones, Albert Sharpe.

### **Resumo**

A proposta deste trabalho é analisar a versão cinematográfica do musical *Brigadoon* à luz das ideias de Georg Simmel e Zygmunt Bauman no que concerne à modernidade, considerando que as imagens/histórias trazidas até nós pelo cinema são referenciais e influências para a construção da percepção da realidade.

### **Palavras-chave**

Cinema. Modernidade. Representação. Mitos.

### **Abstract**

This work intends to analyze the cinematographic version of the musical *Brigadoon* based on the ideas of Georg Simmel and Zygmunt Bauman regarding to modernity, considering that the images and histories brought to us by the movies are references and influences for the construction of the perception of the reality.

### **Keywords**

Movies. Modernity. Representation. Myths.